

opos
to com
plemen
tar

opos to com plemen tar

CURADORIA NEI VARGAS DA ROSA

MÓDULO II

11 JAN — 11 FEV

ARIVÂNIO ALVES

CECÍLIA COSTA

DAVID CECCON

DOUGLAS FERREIRO

FERNANDA PACCA

JULIO CESAR ARISTIZÁBAL

MARCELO GANDHI

RENAN TELES

RENATO PERA

ROSELI JAHN

TALITA HOFFMANN

TALLES LOPES



AURA GALERIA

RUA DA CONSOLAÇÃO, 2767
JARDINS, SÃO PAULO/SP

SEG À SEX DAS 10H ÀS 19H
SÁB DAS 10H ÀS 17H

Na literatura astrológica, Oposto Complementar tem sido usado para explicar a junção entre duas partes com características discrepantes. Unidos a partir do ângulo oponente, os signos se unem marcados por características diferentes e, por este motivo, alcançam pontos de compatibilidade que geram equilíbrio e transformação.

Organizada em dois módulos, a mostra que inaugura a nova sede da Aura Galeria evidencia uma das principais características do contexto da arte contemporânea: a heterogeneidade de linguagens, de propostas poéticas e de múltiplas narrativas. Orientada pela riqueza que a diversidade cultural oferece, a escolha do grupo de artistas explora produções que se originam de distintas visões de mundo.

Ao buscar proposições artísticas pautadas pela qualidade conceitual e estética, formou-se um conjunto procedente das cinco regiões do País e do exterior. Artistas em início de trajetória e que rapidamente receberam reconhecimento em suas regiões estão ao lado de profissionais em meio de carreira, portanto já legitimados. A esses dois perfis se junta um terceiro: artistas em fase madura de vida que tiveram seus trabalhos em circulação de forma expressiva em determinado momento, mas por razões diversas não permaneceram de maneira continuada no sistema da arte.

Algumas questões definidoras estiveram presentes ao longo do processo de seleção para representação. Quais os compromissos que uma galeria de arte contemporânea deve assumir na construção de trajetórias de artistas visuais? Que História da Arte se pretende escrever ao aglutinar proposições dissonantes e originárias de realidades desiguais?

“Oposto Complementar” almeja unir partes para compor uma tessitura de características múltiplas, mas que se complementam entre si ao criarem relações ao mesmo tempo convergentes e antagônicas. Propõe diálogos que promovem tensões e alinhamentos para que deles surjam novas possibilidades de pensar o campo artístico.

Neste microcosmos que espelha a riqueza cultural da raça humana, a Aura Galeria saúda a comunidade que compõe o sistema da arte e deseja que sua existência colabore com novas e promissoras articulações para o desenvolvimento do pensamento crítico.

Nei Vargas da Rosa
Outubro de 2022





Arivânio Alves

Quixelô/CE, 1994. Vive e trabalha em Juazeiro do Norte/CE.

Arivânio Alves é artista visual e arte educador, vive e trabalha em Juazeiro do Norte, no Ceará. Tendo a pintura e o desenho como principais meios, conta que sua pesquisa tem fundamentos na cor e na sua reflexão sobre temas mitológicos unindo-os a elementos e personagens do cotidiano a fim de produzir trabalhos que possuam elementos que nos fazem refletir sobre quem somos, de onde viemos e para onde vamos, mesmo que com choque e confronto social. Por isso se vale muito de animais, como cachorros, que aparecem na sua produção como animais de rua abandonados.

Alves, como boa parte dos artistas populares, tem na simplicidade a sua principal característica. Mas isso não significa simplismo. Pelo contrário, a forma como articula temas, cores e formas traz elementos biográficos e memórias afetivas que erguem um castelo mental muito próprio.

O desafio de conhecer e estudar criadores populares está justamente em entender como esse jogo se dá. Na maioria das vezes, não se trata de elaborar questões antropológicas complexas, mas, pelo contrário, de exercitar o nosso olhar para aprender e apreender como o fazer encontra diversas formas de expressão. Arivânio Alves apresenta uma sinceridade que torna sua arte modelar.

Conceituá-la ou validá-la aos olhos eruditos torna-se desnecessário. Seu fazer se cristaliza no universo da percepção. Há ali um cronista, no sentido de viver cada instante com grande poder de observação, e uma ingenuidade, que permite viver cada experiência como nova e única.





Arivânio Alves

Grandes sertões, 2022

acrílico e pva sobre papel de embalagem de cimento

15 x 22 cm



Arivânio Alves

Galo de ouro I, 2022

acrílica e pva sobre papel de embalagem de cimento
23 x 29 cm



Arivânio Alves
Cachorra potó, 2022
 acrílica e pva sobre papel de embalagem de cimento
 25 x 41 cm



Arivânio Alves
Coito, 2022
tinta vinílica sobre pvc
29 x 34 cm



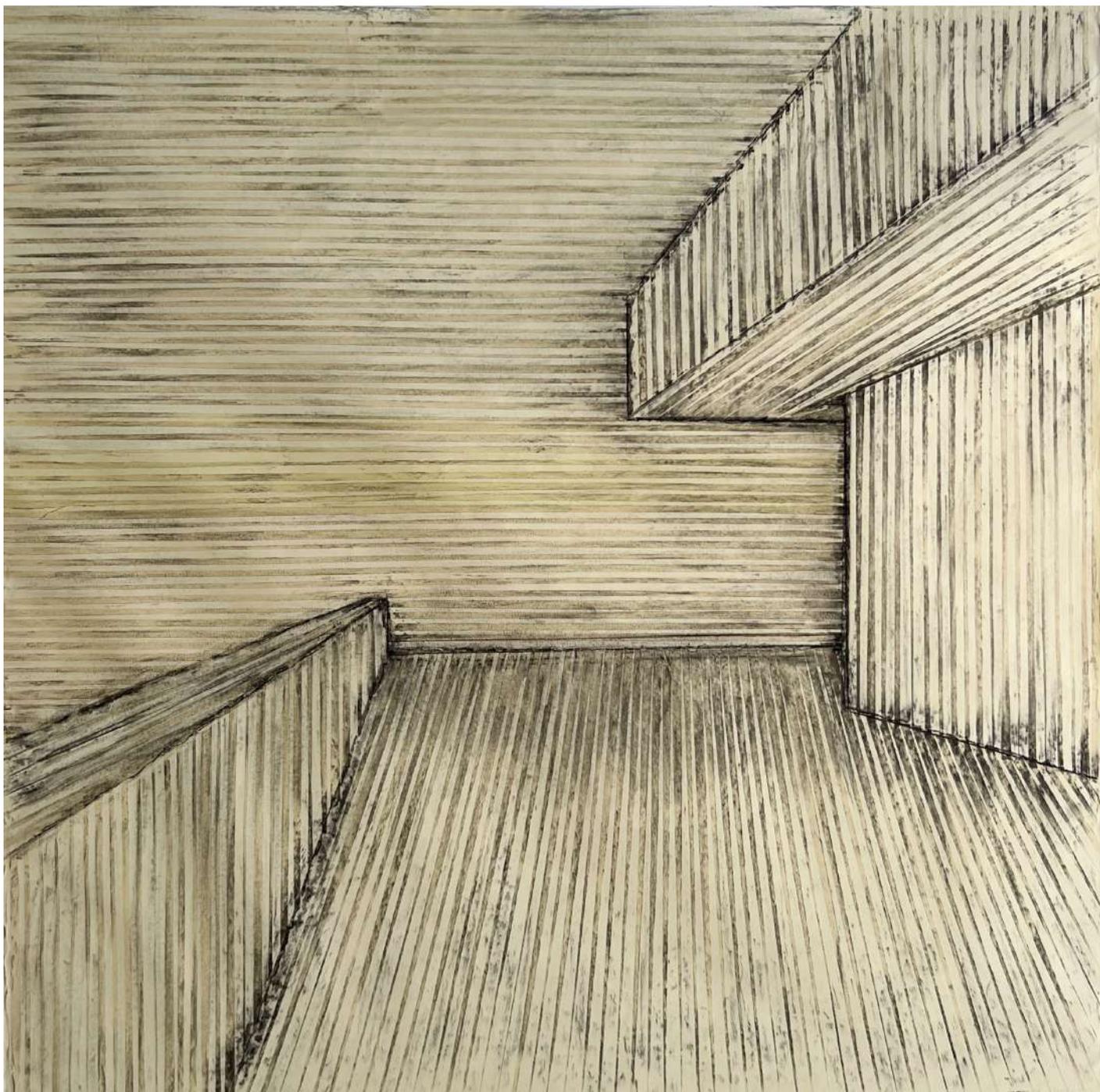
Cecília Costa

Caldas da Rainha/PT, 1971. Vive e trabalha em Lisboa/PT.

Cecília Costa nasceu nas Caldas da Rainha em 1971. Vive e trabalha em Lisboa. É formada em Artes Visuais pela ESAD (Escola Superior de Artes e Design) das Caldas da Rainha, tendo ainda frequentado o curso de Matemática na Universidade de Aveiro. A pesquisa plástica desenvolvida por Cecília Costa assenta numa investigação sobre aspectos matemáticos e de simetria, incidindo particularmente sobre a divisão esquerda e direita do cérebro. Expõe regularmente desde 1997, destacando-se a participação na Bienal de Sydney, selecionada pela curadora Isabel Carlos (2004). O trabalho da artista encontra-se nas coleções da Fundação PLMJ, Fundação Leal Rios e Fundação Calouste Gulbenkian.



Cecília Costa em conferência sobre sua obra na ESAD.CR

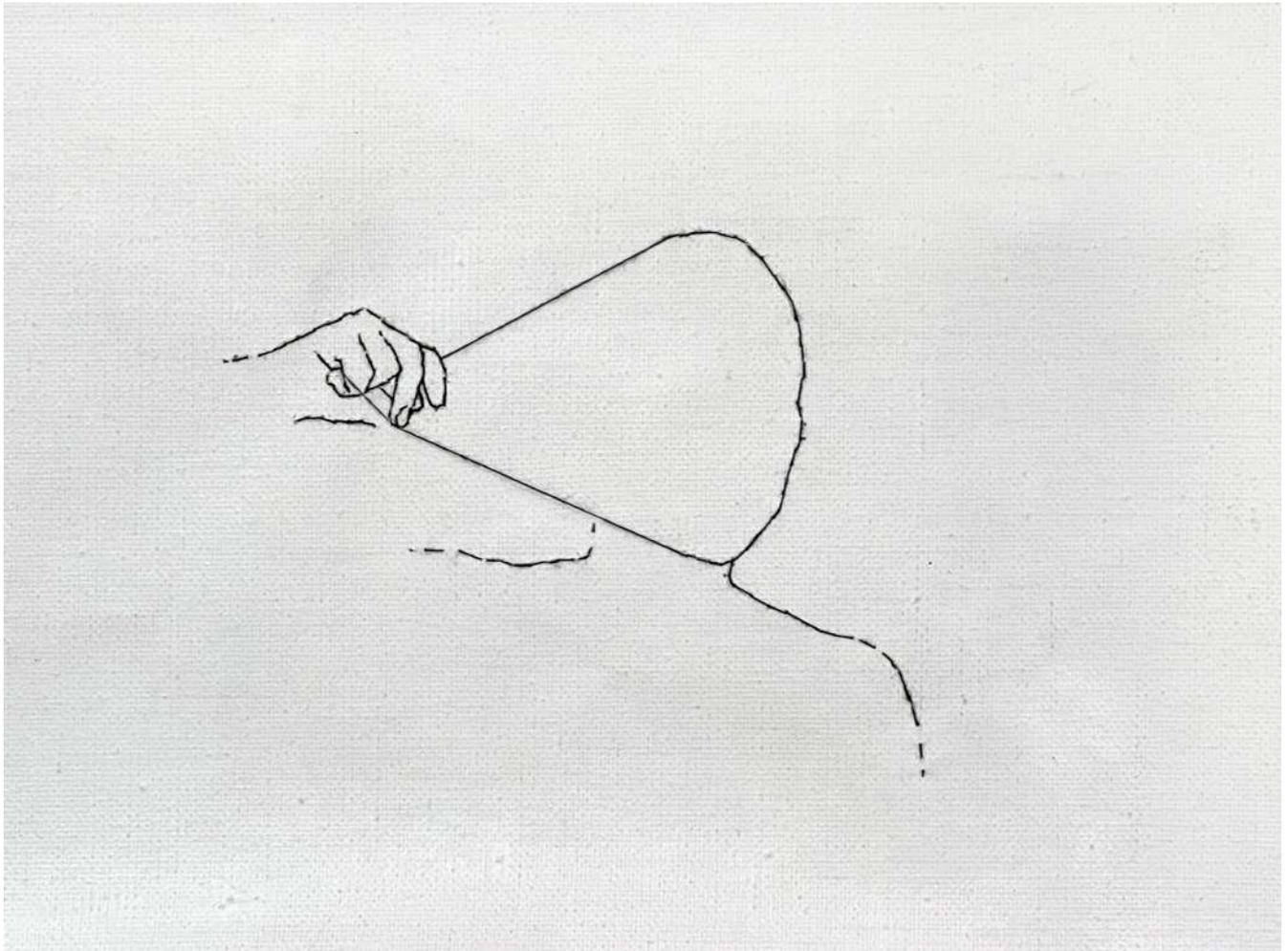


Cecília Costa

Time Should No Longer Be Here #3, 2022

Fita adesiva e carvão sobre papel

150 x 150 cm

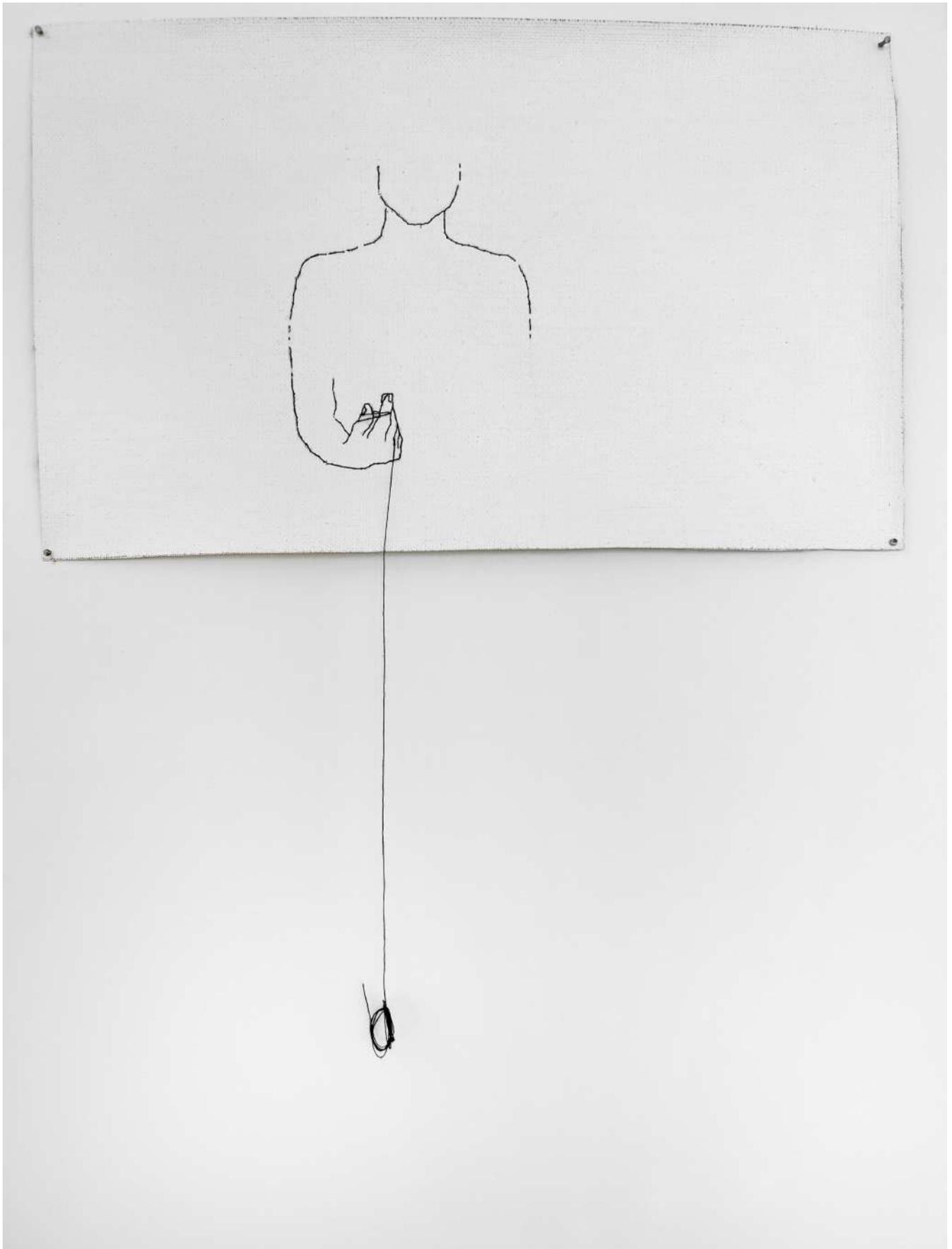


Cecilia Costa

Untitled (from series Elastic Feelings), 2021

Linha sobre tela

18 x 29 cm

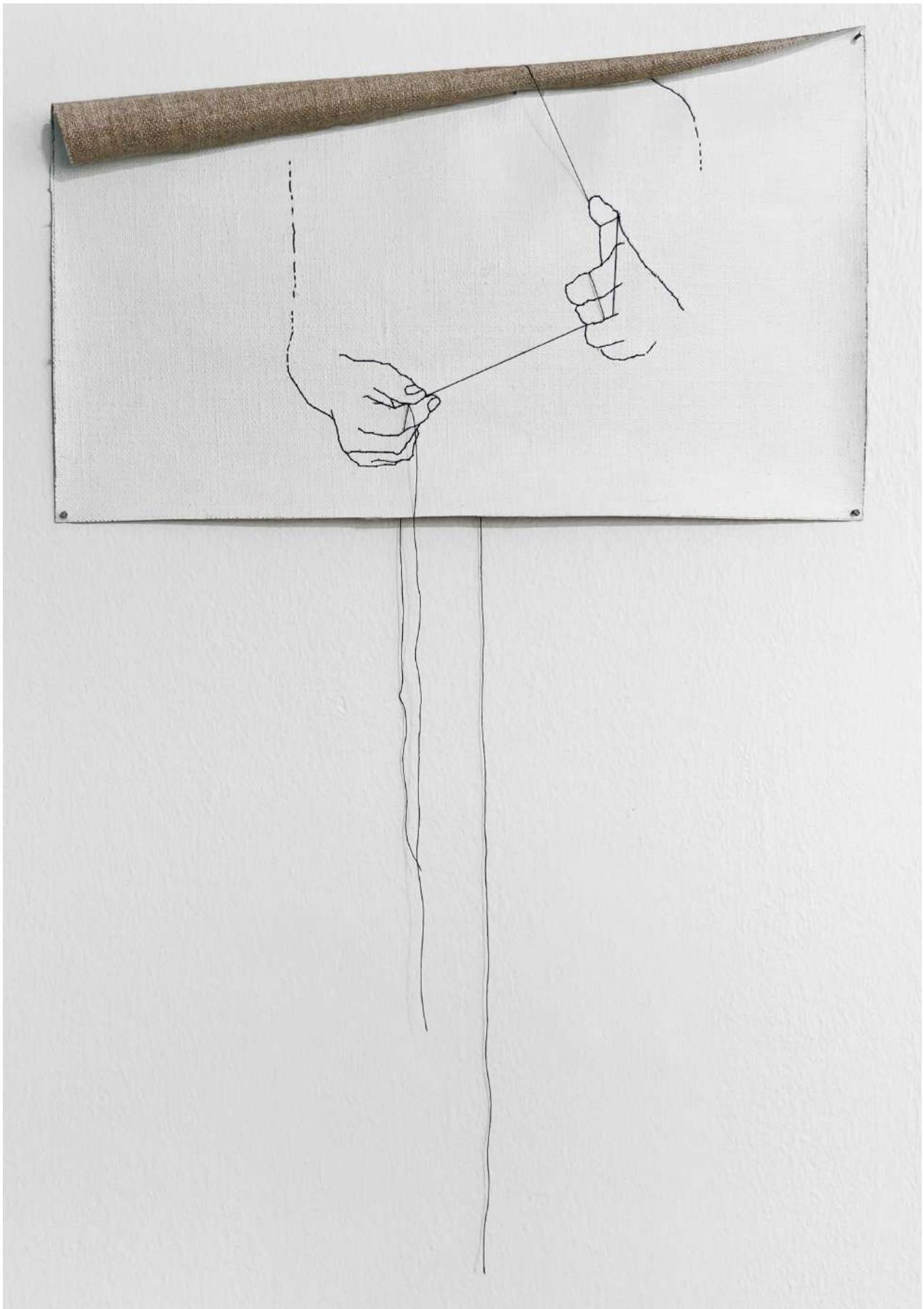


Cecília Costa

Untitled (from series Elastic Feelings), 2021

Linha sobre tela

18 x 29 cm



Cecília Costa

Untitled (from series Elastic Feelings), 2021

Linha sobre tela

18 x 29 cm



David Ceccon

Porto Alegre/RS, 1992. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

David Ceccon desenvolve seu trabalho através de diferentes linguagens, como gravura, pintura, cerâmica, objeto e fotografia. Também utiliza o ciberespaço e as redes sociais como fonte de criação e experimentação artísticas. Em sua poética, interessa-se pelas ambiguidades das relações humanas e pelos mecanismos de construção, fragmentação e dissolução das identidades – e sujeitos – na sociedade contemporânea.

Utilizando-se de conceitos como diferença, pós-identidade, autorrepresentação, reprodutibilidade, autobiografia e autoficção, explora os modos pelos quais performamos nossas existências sobre o mundo e transita por questões que tangem o biológico, o cultural, o fictício, o real e o virtual.

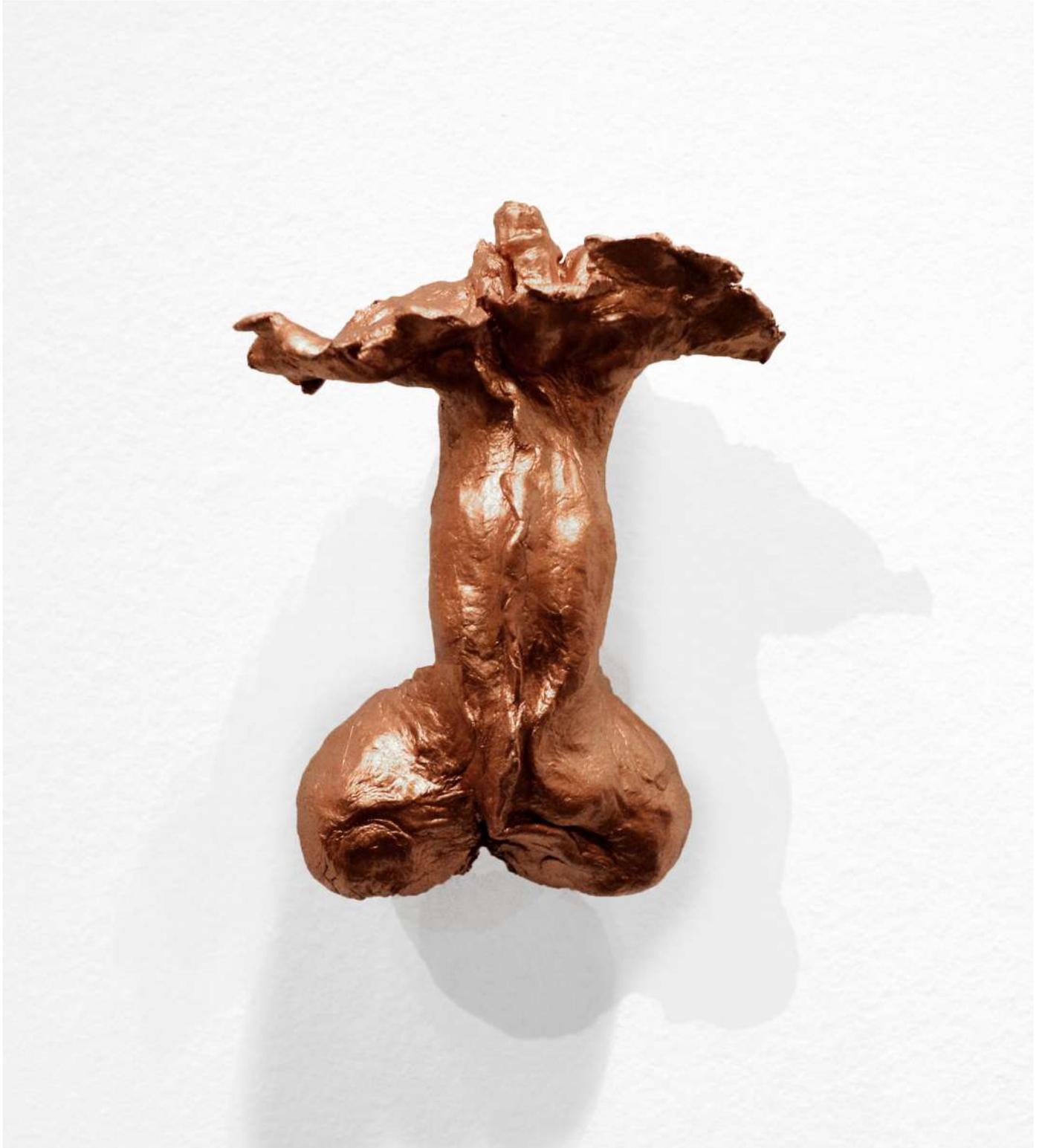
Foi contemplado com uma residência artística em La Rochelle/França pelo 2º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea (2018). Também recebeu o Prêmio IEAVI (2015) e o Prêmio Açorianos da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre nas categorias Artista Revelação e Destaque em Gravura (2016).



David Ceccon na Coletiva do 2º Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea



David Ceccon
Natureza artificial 3, 2022
acrílica sobre tela
90 x 120 cm



David Ceccon

Small Untitled I, 2019

Cerâmica fria e recobrimento acrílico

14 x 7 x 4 cm



David Ceccon
Small Untitled II, 2019
Cerâmica fria e recobrimento acrílico
14 x 7 x 4 cm



David Ceccon

Small Untitled III, 2019

Cerâmica fria e recobrimento acrílico
18 x 16 x 8 cm



David Ceccon
Small Untitled IV, 2019
Cerâmica fria e recobrimento acrílico
22 x 16 x 7 cm



Douglas Ferreiro

Teresina/PI, 1995. Vive e trabalha em Brasília/DF.

Artista visual, educador e pesquisador, Douglas Ferreiro é um jovem artista emergente brasileiro. Ele cria, através de narrativas factuais ou fictícias que partem de suas próprias vivências, figurações possíveis sobre as experiências de pessoas pretas. Em sua pintura, direciona seu olhar para a infância e seus desdobramentos na vida adulta, constantemente respingada pelas memórias de um tempo que já passou.



Douglas Ferreiro trabalhando em seu ateliê



Douglas Ferreiro

Ninho 2, 2022

acrílico e óleo sobre tela

30 x 30 cm



Douglas Ferreira

Sem Título, 2022

acrílica e óleo sobre tela
59,5 x 120 cm (triptico)



Douglas Ferreira

Rosa, 2022

acrílico e óleo sobre tela
39,5 x 39,5 cm



Fernanda Pacca

Brasília/DF, 1981. Vive e trabalha em Brasília/DF.

Com uma produção autoral e autodidata, a artista Fernanda Pacca cria seu percurso expressivo a partir de seu quadro singular de emoções e sentimentos, base de sua inspiração artística. A motivação para produzir sua obra deriva do desejo de traduzir seu pensamento inquieto que brota do universo psicológico visceral. Pacca conta histórias com elementos estéticos improváveis e com uma densidade simbólica que, por vezes, surpreende e escandaliza.

Sua trajetória é marcada por criações que revelam sutilezas estéticas do humano como modo de denunciar a opressão contra os sem voz. Fernanda demonstra uma sintonia gradativa com o universo dos diferentes, com a realidade dos socialmente invisíveis, fazendo da sua arte uma expressão de crítica e inquietação.

É justamente essa torrente emotiva que direciona a pesquisa de materiais e imprime uma busca que resulta na adoção, quase sempre, de elementos originais, inusitados, inusuais e inéditos de composição. São esses recursos criativos que darão os contornos, texturas, tons e volumes à imagem projetada pelos sentimentos que inspiram as projeções da artista.



Fernanda Pacca produzindo em seu ateliê



Fernanda Pacca

Estátua de cera. Não me enterrem!, 2022

Linhas de Costura

60 x 50 x 7 cm



Fernanda Pacca

Um corpo em queda, 2022

Linhas de Costura

71 x 52 x 11 cm



Julio Cezar Aristizábal

Medelim, Colômbia, 1981. Vive e trabalha em São João del-Rei/MG.

Julio Cesar Aristizabal é um artista colombiano radicado no Brasil desde 2013, tem formação acadêmica em Artes Plásticas pela Universidade de Bellas Artes, FUBA, Medellín - Colombia, Técnico Design Gráfico Digital CESDE, Medellín - Colombia. Atualmente Julio frequenta o curso de Artes Aplicadas, com ênfase em cerâmica, na Universidade Federal de São João Del-Rei.

Atuante nas áreas de artes visuais, design gráfico e atualmente estudante de cerâmica na Universidade Federal de São João del-Rei – Minas Gerais – Brasil, Julio César Aristizabal vem desenvolvendo uma pesquisa pessoal há duas décadas baseada em uma compreensão da identidade latino-americana na sua complexa diversidade e em direção à Abya Yala. A partir da premissa de que o saber e o conhecimento contribuem para uma compreensão mais ampla dentro de nossa existência, tem como referências suas próprias vivências, leituras, estudos e outras práticas, como a capoeira e o candomblé, as quais emprega para o autoconhecimento. Ao longo dos anos, tem participado de exposições individuais e coletivas e de intervenções na rua, em que utiliza as linguagens da pintura, do desenho e da cerâmica como ferramentas de comunicação, de modo a possibilitar o diálogo entre a academia e as manifestações culturais, a fim de de transpassar os limites das fronteiras do conhecimento e recriar formas preestabelecidas.

Atualmente, estuda a cabaça, útero de criação, como objeto comunicador que nos conecta ao passado e ao futuro, fundamentado na afirmação de Ailton Krenak, para quem o futuro é ancestral.



Julio em frente a um mural desenvolvido por ele em SJDR.



Julio Cesar Aristizábal

Sem título, 2022

acrílica sobre tela
205 x 160 cm



Marcelo Gandhi

Natal/RN, 1975. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Nascido em Natal mas vivendo em São Paulo desde 2008, sua obra e prática consistem em atravessamentos contundentes entre desenho, performance e linguagem, propondo a abstração a partir de triangulações de conceitos aparentemente distantes como a arte sem objeto, o grafismo do homem do paleolítico ao anti-grafismo do homem contemporâneo. Através de suas obras, Gandhi desconstrói as imagens e formas com diversos graus de violência.

Fragmentação e hibridismo do corpo e linguagem, arquiteturas do desejo, espaços psicológicos e míticos, destituição de símbolos advindos da publicidade e de mídias de massa, acúmulo, vazio e pop arte são questões e práticas presentes na obra de Marcelo Gandhi. Para isso, o artista faz uso de múltiplos suportes como desenho, objeto, pintura, performance e música eletrônica. O conjunto de suas obras apresenta cruzamentos para se pensar a abstração a partir de triangulações díspares, como a arte sem objeto, o grafismo do homem do Paleolítico ao antigrafismo do homem contemporâneo. São obras que buscam desconstruir as imagens e formas, com variados graus de violência e intensidade.



Performance de **Marcelo Gandhi**



Marcelo Gandhi

Sem Título, 2022

Acrílica e marcador permanente sobre tela
81 x 85 cm



Marcelo Gandhi
Sem Título, 2022

Acrílica e marcador permanente sobre tela
82 x 90 cm



Renan Teles

São Paulo, 1986. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Renan Teles, 1986, é artista visual afroindígena. Nasceu e vive em Itaquera, São Paulo – SP. Seu trabalho tem como principal fonte e ferramenta no processo criativo a fotografia. A partir dela, estuda e experimenta a criação de imagens narrativas e seu potencial como instrumento para a arte relacional. Como resultado possui séries bastante distintas, materializadas em fotografia, pintura e outros meios. Seus trabalhos convergem em questões identitárias sobre periferia, negritude, afrofuturismo e sua ascendência Xacriabá; sexualidade, erotismo e masculinidade. Atualmente tem criado retratos em cenas monumentais de membros de sua família, criado séries que se debruçam sobre a masculinidade preta, imagens procedurais afrofuturistas, e fotografias onde cria encontros que misturam realidade e ficção na periferia. Sua última exposição individual foi em 2020, “Esmeraldas não é Cohab porque tem elevador” na O.C. Alfredo Volpi, em Itaquera. Um projeto com patrocínio da Prefeitura de São Paulo onde, através do grupo Fotografia Popular Brasileira — que inclui a artista visual Nalu Rosa e os produtores culturais Rogério Melo e Esther Massoni — ministrou aulas de fotografias gratuitas, levantando questões sobre arte contemporânea ao mesmo tempo em que criava cenas e retratos de seus vizinhos do conjunto habitacional em que cresceu e ainda vive: o Esmeraldas, na periferia de São Paulo. Entre outras exposições individuais estão: “Fotografia Popular Brasileira” na O.C. Oswald de Andrade em 2018 e “Estudos para jato de tinta” no Museu Murillo La Greca em 2014. E tem participado de diversas exposições coletivas pelo país, como o Prêmio EDP nas Artes em 2012, o 14º Salão Nacional de Artes de Itajaí em 2018, o IV, VI e X Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, e o Arte Londrina 8 e o 25º Salão Anapolino de Arte em 2020/2021.



Autorretrato de **Renan Teles**



Renan Teles

Isabel em Ubatuba, 2022

acrílica sobre tela

150 x 175 x 5 cm



Renato Pera

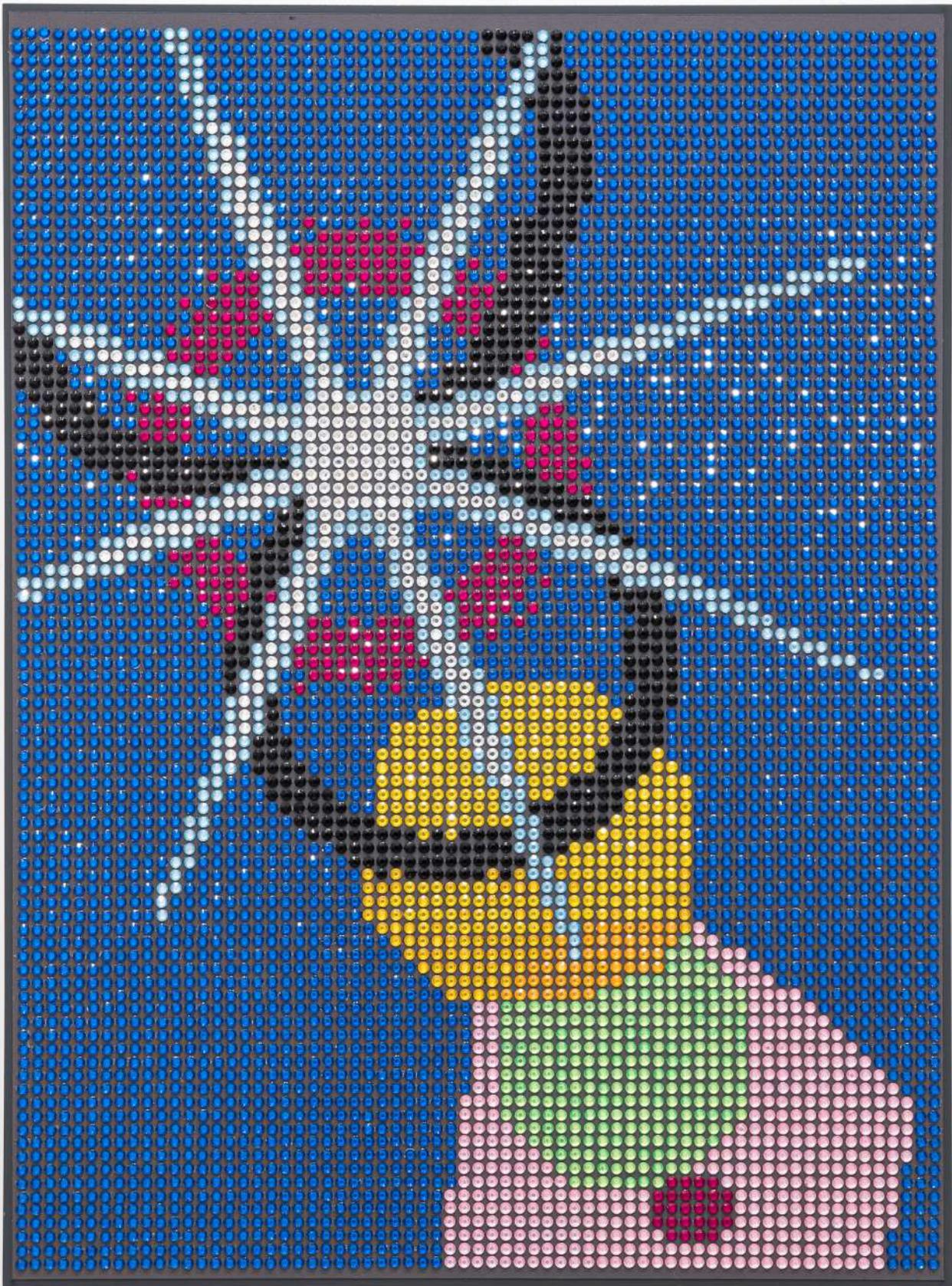
São Paulo, 1984. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Os trabalhos de Renato Pera podem ser localizados num campo de experimentação aberto, sem hierarquias quanto aos meios, e de interesse pelo espaço arquitetônico e urbano. Configuram-se, em geral, como respostas aos contextos onde são exibidos ou produzidos, mantendo ativas as tensões encontradas nesses contextos. Para o artista, os objetos e as suas qualidades materiais carregam usos sociais específicos que são colocados em circulação, de modo crítico, pelos trabalhos.

Renato Pera tem explorado estratégias de intensificação da experiência fenomenológica com a sobrecarga de estímulos visuais, táteis e sonoros, na transformação de ambientes, intervenções em fachadas, interiores arquitetônicos e espaços públicos. Frequentemente, utiliza elementos que produzem fascínio visual e sensação de artificialidade, como superfícies brilhantes, espelhadas, cores saturadas, referidos às superfícies luminosas da propaganda, da arquitetura e das telas, bem como aos seus comportamentos correlatos de narcisismo, hedonismo e assepsia. Tais estratégias procuram flagrar a tensão entre a fisicalidade dos corpos reais e a sua virtualização. Procuram flagrar o momento em que são convertidos em imagem. Ao mesmo tempo, o caráter fetichista dessas experiências é contrariado pela precariedade dos materiais que ostentam marcas processuais, acidentadas, improvisos e irregularidade, pelo humor, por alusões escatológicas e fisiológicas, e por seu interesse pelo filme de horror.

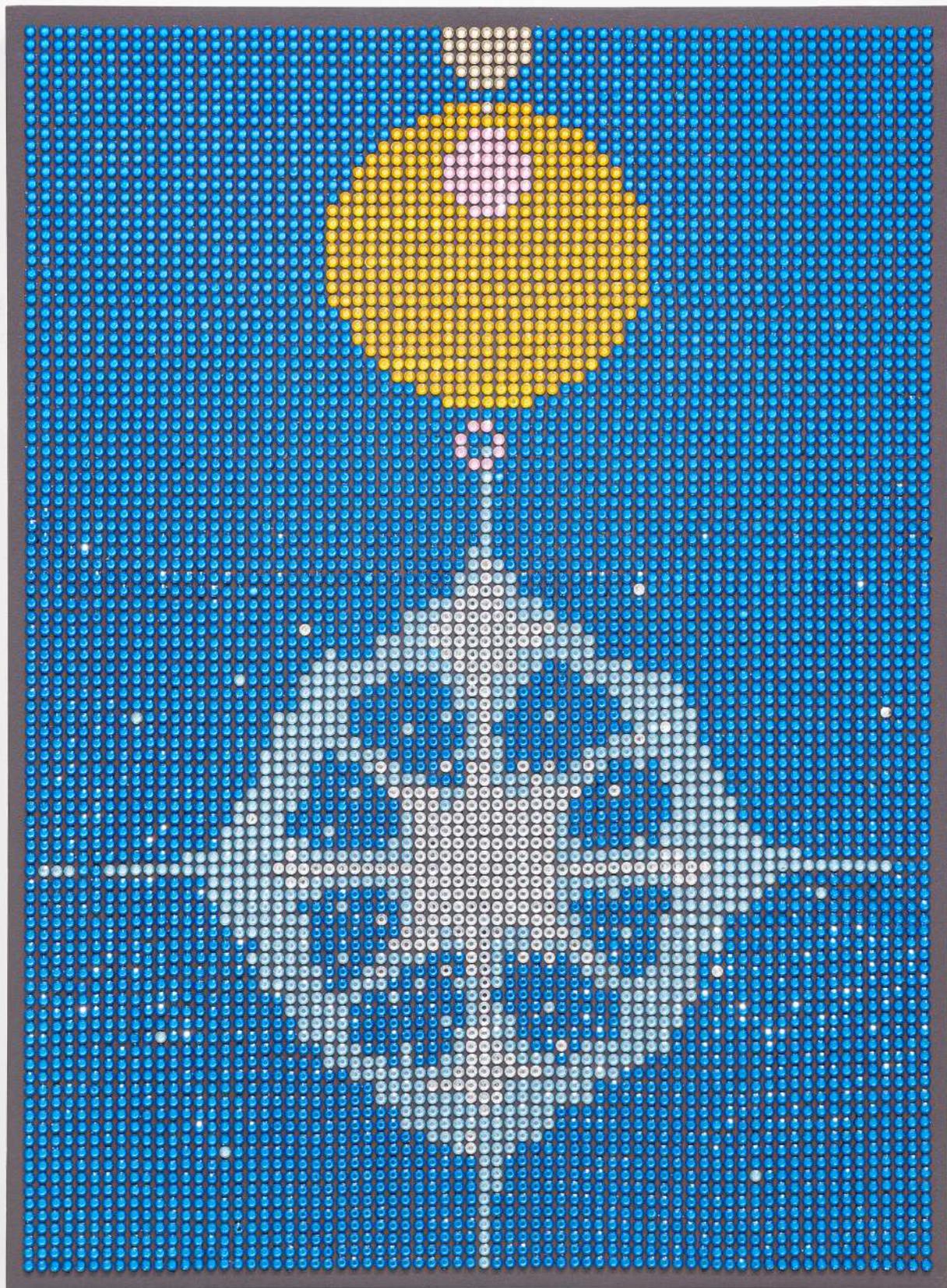


Renato Pera com sua instalação no Unibes Cultural



Renato Pera
Brilhos II, 2022

Miçangas adesivas de acrílico sobre papel, montados em placa de alumínio composto
65 x 48 x 3,5 cm



Renato Pera
Brilhos III, 2022

Miçangas adesivas de acrílico sobre papel, montados em placa de alumínio composto
65 x 48 x 3 cm



Renato Pera
Carne osso, 2018
Tijolo cerâmico
80 x 80 x 75 cm



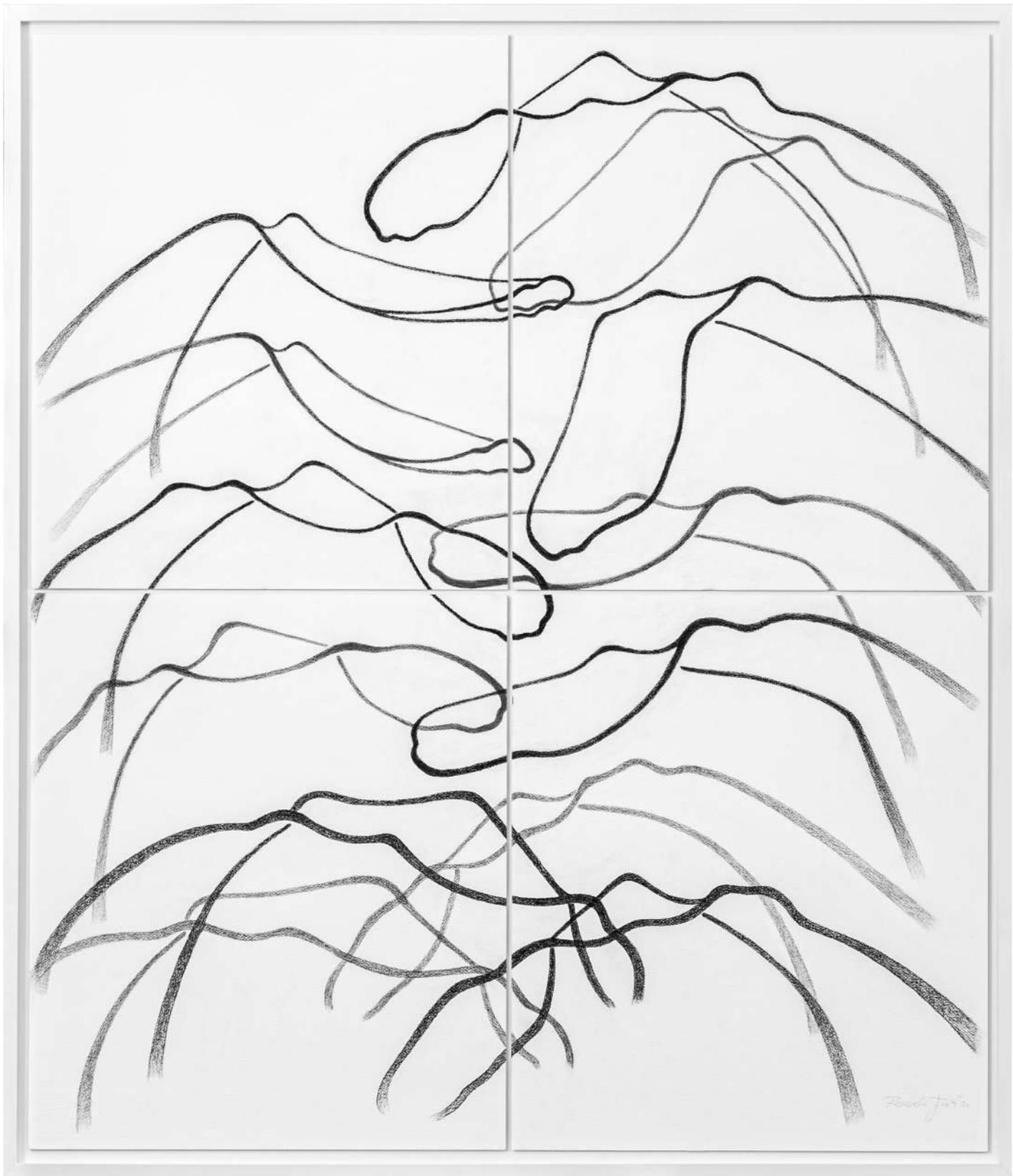
Roseli Jahn

Porto Alegre/RS, 1951. Vive e trabalha em Porto Alegre/RS.

Roseli Jahn utiliza a linguagem do desenho, codificada em forma e cores, para evocar e para comunicar idéias, transmitir conteúdos, passar informações e expressar sentimentos. Suas obras, utilizando as funções operativas e taxonômicas do desenho, nos explicam as formas, representando-as frontalmente através de sinais e texturas, dando-nos a impressão mais próxima da realidade estrutural das coisas. Elas, suas obras, expressam as emoções sem recorrer a representação exaustiva: evitando a tatilidade, seus desenhos são evocativos, próximos daquele chamado desenho pedagógico, que é, ao mesmo tempo, forma e significação, tal como nos ensina Wassily Kandinsky. Ele, seu desenho, rejeita as convenções da representação ilusionista – tais como o modelo e a perspectiva – abrindo as formas através de seus contornos. É um desenho ao mesmo tempo mecânico e manual, que tanto pode ser projeto quanto pura linguagem e a qualidade de sua representação traz, a um só tempo, síntese das formas e do conteúdo, superfície e profundidade, como podemos ver nos belos desenhos de um Giorgio Morandi ou de um Ellsworth Kelly. É um desenho que transita confortável entre a história e a contemporaneidade sendo, e isso é paradoxal, ao mesmo tempo obra e projeto.



Roseli Jahn produzindo em seu ateliê



Roseli Jahn

Lírios Casablanca: estruturas poéticas, coleção magenta I, 2018

caixa de acrílico com serigrafia

30 x 30 x 4 cm

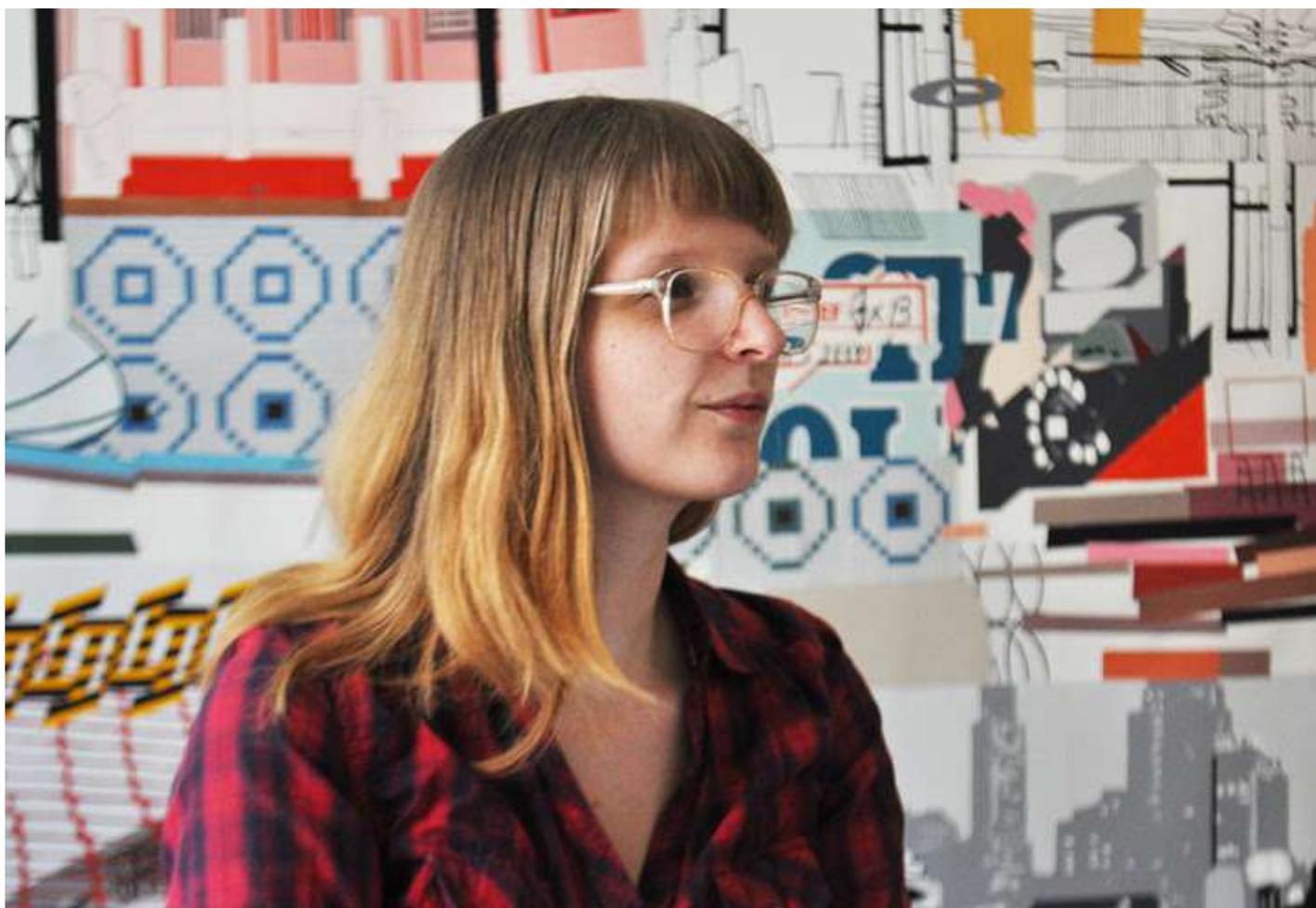


Talita Hoffmann

Porto Alegre/RS, 1988. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Talita Hoffmann é graduada em Design Gráfico pela ESPM e Artes Visuais pela ECA-USP. Desde 2008 trabalha como ilustradora e designer para diversos veículos, dentro dos universos da música, artes e literatura. Ilustrou o livro "Jacaré, não!" de Antonio Prata (editora Ubu) e "A Revolução dos Bichos" de George Orwell (editora Antofágica). Já participou de mostras coletivas no Brasil e em países como Estados Unidos, Austrália, Finlândia, Espanha e Inglaterra. Dentre suas principais exposições, destacam-se: Fumetto International Comix Festival (coletiva, Lucerna, Suíça, 2018); Areia Movediça (individual, Galeria Lume, SP, 2015); Cidade do Interior (individual, Galeria Logo, SP, 2013); Transfer (coletiva, Pavilhão das Culturas Brasileiras, SP, 2010). Tem obras nas coleções do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e Brazil Golden Art.

Em seu trabalho, explora a relação entre paisagem, desenhos arquitetônicos e design gráfico através da pintura e do desenho. Por meio da cor, busca uma relação com o nostálgico, o familiar e o estranho. Em procedimentos próximos à colagem e à serigrafia, trabalha a sobreposição de espaços e embaralhamentos entre planos, estabelecendo contatos com a pintura naif, iconografias do cinema, teatro, música e a arte popular.



Talita Hoffmann em seu ateliê



Talita Hoffmann

Noite de cinema, 2022

acrílica sobre tela 102 x 72 cm



Talita Hoffmann
TV, 2022
acrílica sobre tela
103 x 70 cm



Talles Lopes

Guarujá, 1997. Vive e trabalha em Anápolis/GO.

Vive e trabalha em Anápolis, Goiás. Artista visual, arquiteto e urbanista graduado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), participou de mostras como a XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo no Centro Cultural São Paulo (CCSP) e a exposição "Vaivém" no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), participando mais recentemente da 7ª edição do EDP nas Artes, no Instituto Tomie Ohtake. Revisitando uma série de documentos históricos, como publicações, catálogos de exposições e representações cartográficas, o artista vem elaborando uma série de mapas investigando a construção da ideia de um "Brasil moderno" como uma contraditória atualização de um imaginário colonial. Ao mesmo tempo, seu trabalho vem se dedicando as tensões existentes na apropriação e reinvenção dos ícones da arquitetura moderna por diferentes arquiteturas não-oficiais no interior do Brasil.



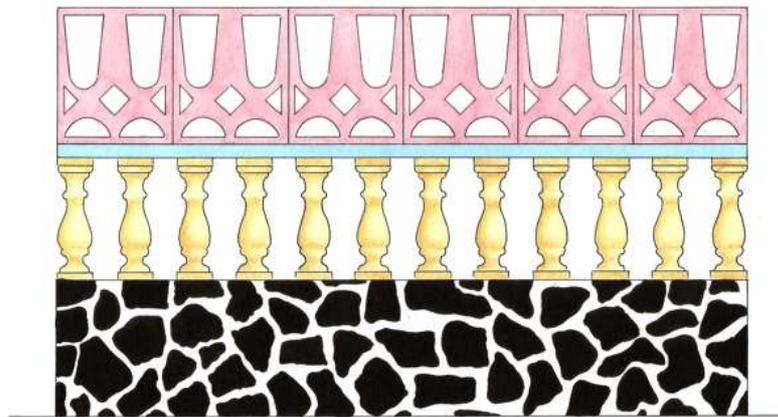
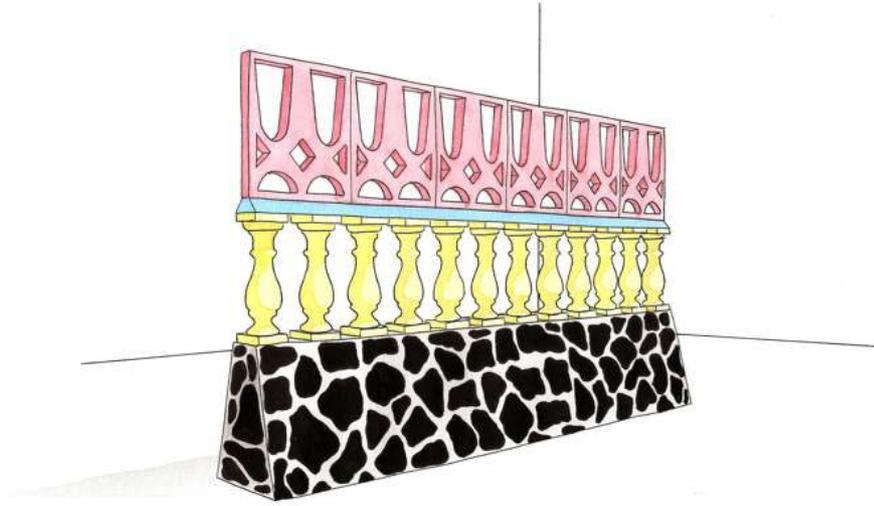


Talles Lopes

Duo, 2016

Nanquim e aquarela sobre papel

101 x 72 x 6,5 cm



Talles Lopes

Estudo para "Histórias da Arquitetura" I e II. 2021

Nanquim e aquarela sobre papel

35 x 50 cm (cada)



Aura Galeria
info@aura.art.br
+55 11 3034-3825



Siga a Aura
@aura.galeria